viver.

Porto Alegre, 1, 2 e 3 de agosto de 2025 - Nº 44 - Ano 29

Passados 70 anos de lançamento do disco *Coração Gaúcho*, os feitos dos Irmãos Bertussi ainda batem forte no peito do povo riograndense

Reportagem Cultural

ACERVO FAMÍLIA BERTUSSI/REPRODUÇÃO/JC

Irmanados pela música, unidos pela gaita

Cristiano Bastos, especial para JC

Na trilha em direção ao centro do País aberta pelo gaiteiro Pedro Raymundo em 1943 com o sucesso do xote *Adeus, Mariana*, e consolidada pelo êxito do Conjunto Farroupilha (que ganharam o País reinterpretando inovadoramente o cancioneiro folclórico do Rio Grande do Sul) em meados da década seguinte, os acordeonistas Os Irmãos Bertussi rumavam de Caxias do Sul para o Rio de Janeiro em busca de reconhecimento nacional. E conseguiram. No ano de 1955 a dupla Honeyde e Adelar Bertussi (falecidos respectivamente em 1996 e 2017) fazia pela gravadora Copacabana sua estreia em estúdios de gravação, com o lançamento do disco em oito polegadas intitulado *Coração Gaúcho*. Com esse trabalho, os Bertussi eternizavam-se na história da fonografia como pioneiros da chamada "música gauchesca de baile", e também por terem sido a primeira dupla de gaitistas a realizar no Brasil a gravação de uma obra discográfica.

Nos 10 anos em que juntos atuaram (apresentando-se por todos os recantos imagináveis do território nacional), Adelar e Honeyde Bertussi deixaram um legado que ultrapassa gerações, chegando a deixar de lado o aspecto de cunho musical para alcançar, através de sua arte, um status de representação da vida tradicionalista. Os Irmãos Bertussi são responsáveis por incontáveis êxitos populares como *São Francisco é terra boa*, *Cavalo preto*, *Sangue de gaúcho*, *Oh de casa*, *Êta baile bom* e, em especial, o big hit *O casamento da Doralice*. Esta última é considerada o primeiro registro gravado de uma canção no ritmo legitimamente riograndense conhecido como bugio.

Para o acordeonista Gilney Bertussi (filho de Adelar e desde 1999 responsável por perpetuar, nos palcos e estúdios de gravação, a obra de seus antepassados) mais do que tão-somente criadores de uma música regionalista-fandangueira feita para dançar, a importância dos Irmãos Bertussi é incomensurável para a cultura regional do Estado. "Sempre que se fala em tradicionalismo é obrigatório que se mencione a trajetória dos Irmãos Bertussi. Não existe qualquer possibilidade de se falar a respeito deste tema sem que tal sobrenome esteja envolvido".

O reconhecimento da arte musical da dupla, a propósito, ultrapassa as fronteiras do Rio Grande, tendo cativado nacionalmente, dentre outros, nomes de grande peso e importância como o Rei do Baião Luiz Gonzaga, Sivuca e os compositores David Nasser e Herivelto Martins. Em seu próprio Estado, por sua vez, inspiraram uma miríade de conjuntos, todos sempre dispostos a prestarem suas reverências aos Irmãos Bertussi. A lista é das mais compridas. Vai desde Renato Borghetti e Luiz Carlos Borges, passando por Os Serranos, Porca Véia e Mulheres Pampeanas.

Na opinião de Ângelo Marques, gaiteiro e vocalista do conjunto Os Tiranos (também oriundo da região da Serra gaúcha), para qualquer músico de baile que se preze, os Irmãos Bertussi são até hoje uma inegável influência. Em primeiro lugar, pontua Ângelo, por sua qualidade e "divino dom musical" e depois também por conta de a dupla nunca ter deixado de estudar e se aperfeiçoar. "Esses tempos, assistindo a uma entrevista concedida pelo Adelar, tomei conhecimento, por intermédio de suas palavras, que ele nunca parou de ampliar seu conhecimento musical. Isso diz muito a respeito da dedicação com a qual os Irmãos Bertussi encaravam aquilo que faziam", observa.

Folclorista, compositor e pesquisador da cultura riograndense, Paixão Côrtes destacou, acerca da importância dos Irmãos Bertussi, que a dupla surgiu exatamente no momento no qual nasce e floresce o Movimento Tradicionalista Gaúcho. Com a criação dos CTGs, escreveu Côrtes, seus salões de baile passaram a ser embalados pelas valsas, xotes, rancheiras, marchinhas, bugios e sambas campeiros trazidos pelos acordeonistas serranos. "Música de salão, música de baile, música fandangueira do Sul do Brasil. Não importa. Seja lá qual for o nome, os Irmãos Bertussi consolidaram um estilo musical inconfundível."

Leia mais na página central

crítica

Antonio Hohlfeldt

Teatro

a_hohlfeldt@yahoo.com.br

Em nome da civilização

A programação do projeto Movimenta Cena Sul, que a Fundação Theatro São Pedro apresentou na última semana, acabou por resgatar alguns espetáculos recentemente apresentados, em especial durante o projeto Paco Giratório, do Sesc/RS. Foi o caso de *Rhinocerontes*, que a Cia. Teatrofídico, na passagem de seus 20 anos de existência, reorganizou para uma performance bastante experimental nos múltiplos espaços vinculados à Fundação. Versão da conhecida peça de Eugène Ionesco, *Rhinocerontes,* na releitura de Eduardo Kraemer, que também assina o espetáculo, atualiza a metáfora do dramaturgo romeno, que se expressou basicamente em francês, ao longo de sua carreira. *Rinoceronte* estreou em 1959 e, embora muitos de seus intérpretes se referissem à onda crescente da nazi-fascismo ocorrida na Europa, na verdade a questão era mais ampla. Em sentido estrito, o nazi-fascismo já havia sido derrotado (a II Grande Guerra acabou em 1945 com a derrota das forças do Eixo, dentre as quais Alemanha e Itália). Mas nas décadas de 1950 e 1960 o fenômeno que começou a se espalhar pelo mundo ocidental foi a massificação, no fundo, uma variante talvez até mais letal do nazi-fascismo, porque, na massificação, vem incrustrada a alienação mais radical e absoluta.

A releitura de Kraemer traz o texto de Ionesco para o Brasil dos anos 2020, numa relação direta e explícita com o bolsonarismo e a emergência de lideranças mundiais de extrema-direita. Por um motivo ou outro, lideranças políticas como Putin, Netanyauh, Trump, Maduro ou Bolsonaro se arrogam o direito de definir o que é certo e errado e o que pode e/ou deve ser realizado. Ou seja, há não só uma massificação como um projeto de naturalização da alienação e, em consequência, da violência; a civilização humana surge – lembremos Hobbes, Locke, Hume etc. - quando o homem deixa o estado de natureza para se organizar enquanto sociedade. Na peça de Ionesco, uma pequenina cidade francesa é atacada pelos rinocerontes, logo depois descobrindo-se que as próprias pessoas se transformam nestes animais. Na releitura de Kraemer, há alguns deslocamentos (a mercearia se torna um cabaré), mas o enredo se mantém basicamente o mesmo, apenas com a ênfase nas referências à política internacional e nacional contemporâneas.

O espetáculo da Cia. Teatrofídico começa na rua, em frente ao prédio do Theatro São Pedro, numa espécie de ritual de entrada (lembrando, talvez, as antigas tragédias gregas), abaixando, depois, para os jardins da instituição, onde se desenrola boa parte de sua ação dramática. Mais adiante, o grupo, numa procissão que relembra aquelas antigas movimentações que justamente deram origem ao teatro na Grécia, se desloca para o Teatro Olga Reverbel e, enfim, numa cena apoteótica e apocalíptica ao mesmo temo, se encerra no palco do Teatro Simões Lopes Neto. Na versão do Bar Ocidente, até pelas acanhadas dimensões dos espaços, estava tudo mais reduzido. Aqui, o grupo pode expandir ideias e ações, resultando num trabalho de mais de duas horas de duração, com altos e baixos, do ponto de vista qualitativo, mas que, sem sombra de dúvida, tem o grande mérito de revitalizar o espetáculo teatral enquanto proposta de experiência sensorial e emocional.

A releitura de Kraemer traz o texto de Ionesco para os anos 2020, numa relação explícita com a emergência da extrema-direita

O trabalho de Kraemer tem enormes méritos, o principal dos quais, dar-se conta da relação imediata e da validade do texto de Ionesco, pensado num contexto de pós-2ª guerra, para o de um período de pré-3ª guerra, incluindo-se, neste contexto, a experiência muito específica do Brasil das duas últimas décadas. Dentre as improvisações de Renato Del Campão e as criações que certamente cada performance permite, Eduardo Kraemer se mostra bastante rigoroso no seu trabalho de direção. Por tudo isso, é de se saudar a montagem de *Rhinocerontes*, que, como diz Bérenger, ao final, resiste, não se rende nem se transforma em rinoceronte, ou seja, não se massifica, continua pensando com uma lógica própria e independente, aquela lógica que, em última análise, explica a humanidade enquanto diferenciada dos animais, justamente por buscar incessantemente e apesar dos percalços, uma constante melhoria do nível civilizacional.

Hélio Nascimento

Cinema

hr.nascimento@yahoo.com.br

Documentário e ficção

O amplo domínio de um cinema voltado para a diversão e com o propósito de transformar o espectador adulto em consumidor de fantasias alienantes causa, entre outros malefícios, a ausência em nossas telas de cineastas importantes, geralmente figuras destacadas em outros centros, premiados em festivais internacionais e causadores de entusiasmo entre cinéfilos. Eis um fato que, entre outros, evidencia não apenas o atraso, mas também uma crise que, no ramo cultural, vai adquirindo proporções aproximadas ao gigantesco. São muitos os cineastas que, nos últimos anos, têm enfrentado dificuldades em aparecer no mercado exibidor brasileiro, sendo que alguns deles conseguem ultrapassar barreiras e conseguir espaço nas salas especiais, um reduto no qual ainda sobrevivem obras importantes. Um desses nomes que permanecem ausentes das salas integrantes do circuito exibidor é o do cambojano Rithy Pan. Ele é um assíduo frequentador de festivais europeus e nome muito elogiado pela crítica internacional. Seu filme mais recente, *Encontro com o ditador*, realizado no ano passado, está disponível, gratuitamente, no CineSesc CinemaEmCasa. O filme, que utiliza cenas reais captadas por documentaristas, bonecos e intérpretes, tem no elenco a atriz francesa Irene Jacob. Por duas vezes, Pan foi indicado para disputar o Oscar por seu país, em 2003 por *A imagem que falta* e em 2024 por *Encontros...*

Rithy Pan é um daqueles diretores que aproveita o tempo de um filme para colocar o espectador diante de seu mundo

O cinema deste diretor é visto como um precioso relato do que tem acontecido no Camboja nas últimas décadas e, assim, um exemplo de arte comprometida em focalizar a realidade, por mais dura que ela possa ser. Certamente é um daqueles que aproveita o tempo de um filme para colocar o espectador diante de seu mundo. Mesmo a fantasia e os recursos de um teatro de bonecos são utilizados para que realidade seja recriada nas telas. É o cinema em sua ação mais valiosa e enriquecedora. A ação do filme transcorre na década de 1970, quando o Khmer Vermelho, sob a liderança de Pol Pot, exerceu o poder no país, que passou a se chamar República Democrática do Kampuchea. O objetivo era criar um estado agrário e para isso, além da eliminação de opositores, grande parte da população que vivia em cidades foi transferida para o campo, para viver em comunidades agrícolas. O regime impediu qualquer tentativa de industrialização e toda e qualquer oposição era eliminada. Com a invasão do Vietnã, o regime de Pol Pot chegou ao fim. O filme de Pan transcorre no auge do poder do Khmer e utiliza imagens captadas clandestinamente, que documentam o fracasso de tal proposta.

Sem discursos e sem utilizar recursos panfletários, o cineasta descreve, a partir de um livro escrito por Elizabeth Becker, o trabalho de três jornalistas franceses que haviam conseguido autorização para entrevistar o Primeiro Irmão, como Pol Pot era chamado. Como o ditador foi grande amigo de um jornalista francês no tempo em que estudou em Paris, algo que o filme explora para lembrar a culpa do Ocidente em tal caso, Pan deixa claro que a violência praticada pelo ser humano pode ter raízes geralmente não abordadas ou não compreendidas de forma perfeita. O ditador, por exemplo, é leitor de Rousseau, cujo *Do Contrato Social* é citado visualmente numa cena, e em outro momento um dos líderes da Revolução Francesa é também citado por Pol Pot. O grande chefe não é iluminado por uma imagem clara. Dele só são vistos seu perfil e sua sombra. Ele não é um indivíduo, mas sim a agressividade nele contida e disfarçada por um falso amor aos animais. O agressor oculto. E são as imagens reais – no filme aparecendo como o trabalho do fotógrafo do grupo - que mostram as terríveis consequências do regime. De certa forma a sequência final lembra o epílogo de *Desaparecido*, o grande filme de Costa-Gavras, focalizado em outro tipo de opressão. O cinema de Rithy Pan é exemplo de uma arte voltada para a crítica ao arbítrio, gerado por distorções que fazem a agressividade e a violência elementos componentes de um processo destinado a eliminar qualquer forma de humanismo.

viver.

Editor-chefe: Guilherme Kolling
Diagramação: Gustavo Van Ondheusden e Ingrid Muller

Editor de Cultura: Igor Natusch
igor@jornaldocomercio.com.br

Publicação do Jornal do Comércio de Porto Alegre
Av. João Pessoa, 1282 | Fone: 3213-1367

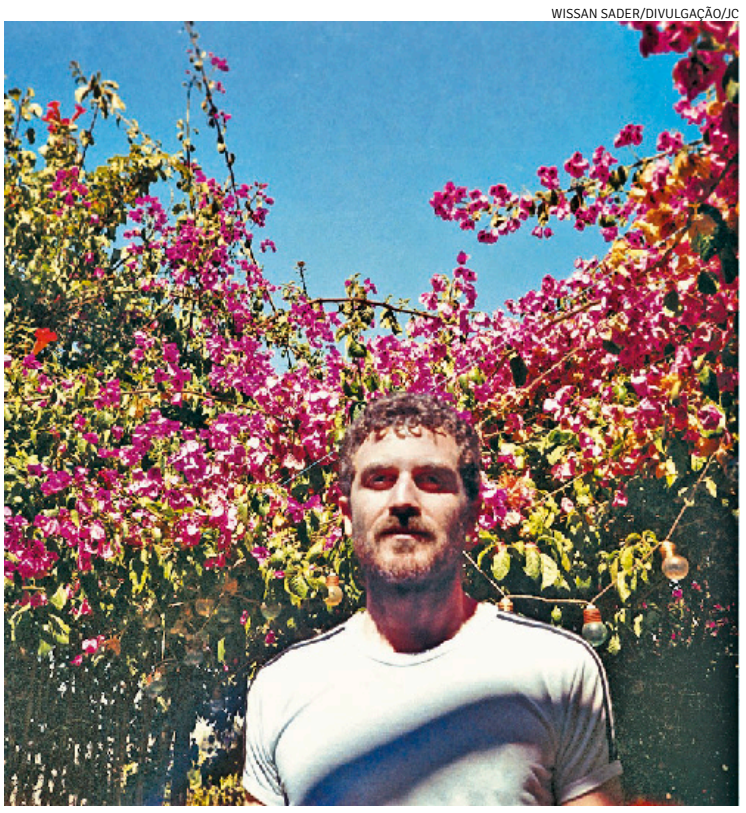
fique ligado

Festival Kino Beat está de volta

O produtor e compositor Nicolas Jaar, um dos nomes mais inventivos da música eletrônica contemporânea, será o responsável por abrir a 10ª edição do Festival Kino Beat em Porto Alegre. O show será domingo, no Bar Opinião (José do Patrocínio, 834), às 20h, com ingressos entre R$ 125,00 e R$ 250,00 à venda pelo Sympla.

Na ocasião, Gabriel Cevallos, curador do Kino Beat, apresentará os detalhes sobre a edição deste ano, com atividades previstas até dezembro, envolvendo diversas linguagens artísticas, cidades e pessoas. No palco, o artista chileno apresenta seu mais recente projeto, *Archivos de Radio Piedras*, que combina música eletrônica para dançar, paisagens sonoras e colagens narrativas. Dividem o palco com Jaar o pianista chileno Camilo Salinas e o percussionista colombiano Daniel Cataño, além do artista sonoro e violinista mapuche Eli Wewentxu, que fará o show de abertura.

WISSAN SADER/DIVULGAÇÃO/JC



Show de Nicolas Jaar marca abertura da 10º edição do evento multiartístico

Clássicos do Legião Urbana com André Frateschi

Neste sábado, às 19h30min, acontece o Especial Legião Urbana com André Frateschi no palco do Bar Opinião (José do Patrocínio, 834), em Porto Alegre. O músico André Frateschi, que passou a última década em turnês ao lado de Dado Villa-Lobos e Marcelo Bonfá para prestar uma homenagem às obras mais emblemáticas da banda Legião Urbana, volta a Porto Alegre com o seu novo show tributo ao grupo de rock nacional.

ALEX VITOLA/DIVULGAÇÃO/JC

Especial Legião Urbana acontece neste sábado no Bar Opinião

Acompanhado da sua banda solo, o músico apresenta o repertório do seu atual projeto, com sucessos como *Pais e Filhos*, *Eduardo e Mônica*, *Tempo Perdido*, *Será*, *Eu Sei* e *O Teatro dos Vampiros*, faixas que mostram a relação de saudade e nostalgia que o público tem com o grupo brasiliense. Os ingressos estão em 3º lote, custando entre R$ 80,00 e R$ 190,00 e podem ser adquiridos via Sympla.

Maestro espanhol no Recanto Maestro

O maestro espanhol Jordi Mora regerá a Orquestra Jovem Recanto Maestro (OJRM) em um concerto gratuito nesta sexta-feira, às 19h30min, no Auditório da Antonio Meneghetti Faculdade (Estr. Recanto Maestro, 338 - Restinga Sêca). A apresentação, que acontece na Região Central do Rio Grande do Sul, faz parte da residência artística conduzida pelo catalão, após imersão cultural realizada com o conjunto durante 20 dias.

O espetáculo contará com diferentes formações da OJRM, tendo o Grupo de Metais interpretando obra de Bruckner, a Orquestra de Cordas com uma peça de Händel e o Grupo de Sopros e Percussão com a *Marcha Fúnebre*, de Mendelssohn. Ao final, a Orquestra Jovem volta com os mais de 70 músicos de sua formação completa, para apresentar obras de Brahms, Meneghetti e Isaac. A entrada é franca.

Pedro Gonzaga lança o olhar sobre Buenos Aires

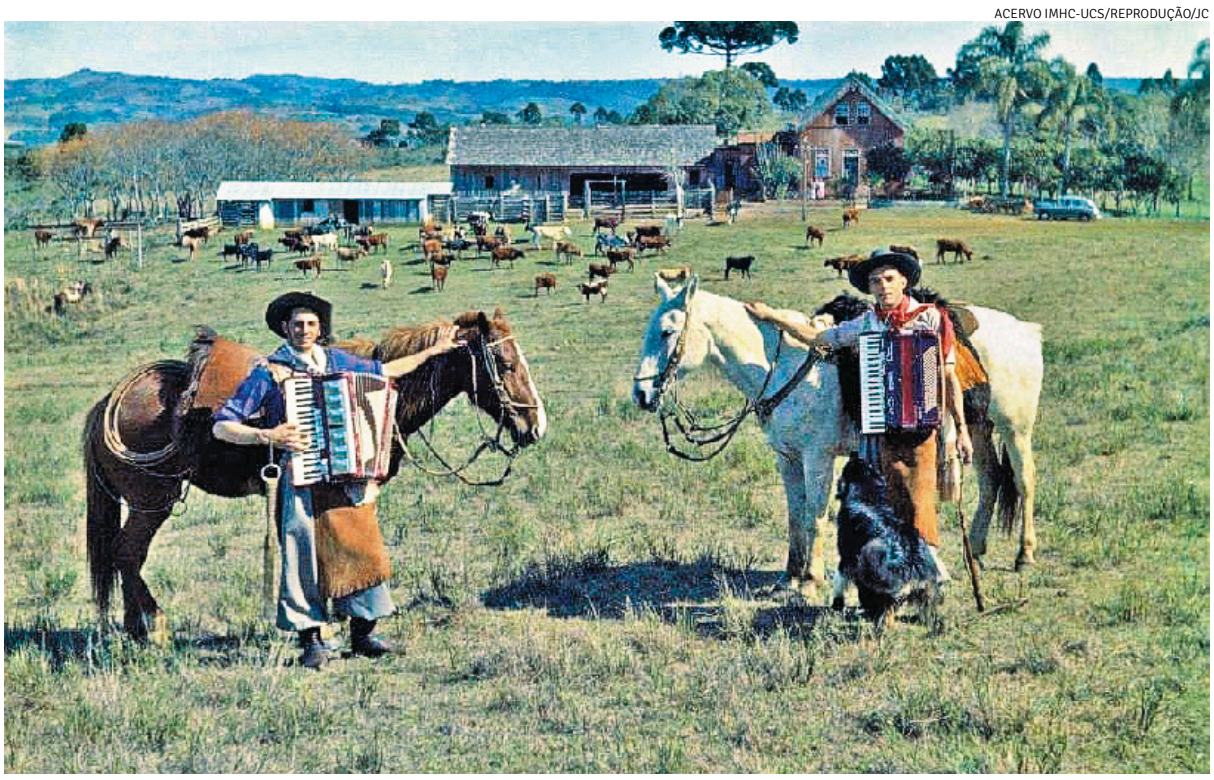
O escritor, professor, músico e tradutor Pedro Gonzaga está em Porto Alegre para o lançamento de seu livro de crônicas *Buenos Aires, Hora: Zero* pela editora Casa de Astérion. O evento será no sábado, às 16h, no Instituo Ling (João Caetano, 440). A obra reúne textos publicados ao longo de três anos na coluna de Gonzaga para o portal Sler, cujo título *Buenos Aires, Hora: Zero* tem inspiração num tango de Astor Piazzolla.

Além de sessão de autógrafos, o lançamento também contará com uma conversa do autor com o psicanalista e escritor Abrão Slavutzky, que assina a orelha do livro. As temáticas abordadas na obra perpassam as fronteiras entre literatura e ensaio. Além dos textos, o volume traz fotos da capital argentina, clicadas por Tainá Henn. Durante o evento, cada exemplar será vendido por R$ 73,00.

Agenda

- Neste domingo, a cantora Maeve apresenta um show acústico no Café Fon Fon (Vieira de Castro, 22), às 20h. O repertório combina músicas autorais com clássicos revisitados. R$ 40,00 no local.
- O espetáculo *Caminhos que Cruzei, Amigos que Encontrei* celebra 25 anos em cartaz, no sábado, às 21h, em uma apresentação especial no Teatro Feevale (Campus II, Novo Hamburgo). Ingressos a partir de R$ 40,00 no site Blueticket.
- No sábado a Orquestra Sinfônica de Porto Alegre se apresenta às 17h, no Complexo Cultural da Ospa (Borges de Medeiros, 1.501). Concerto regido pelo maestro Antônio Carlos Borges-Cunha. De R$ 10,00 a R$ 50,00, via Sympla.
- No domingo, às 19h, a Orquestra de Câmara da Ulbra traz o *Festival Vivaldi*. Sob regência de Tiago Flores, serão executadas sete obras do compositor italiano na Associação Leopoldina Juvenil (Marquês do Herval, 280). Entrada franca.
- Também no domingo, acontece a edição especial de Dia dos Pais do Samba do Quintana. O evento é gratuito e acontece das 16h às 20h, na Travessa Rua do Cataventos da CCMQ (Andradas, 736).
- Café Fon Fon (Vieira de Castro, 22) recebe show do Inquarteto, na sexta-feira, às 21h, com ingressos a R$ 60,00. No sábado, acontece a Feijoada & Choro, às 12h, com ingressos a R$ 75,00. E à noite show do trio Beatles em Concerto, às 21h. R$ 60,00 no local.
- Sábado, às 21h, São Leopoldo será palco de uma noite de celebração ao rock gaúcho. A banda Jogo Sujo sobe ao palco do Rocket Club (Saldanha da Gama, 658). R$ 20,00.
- A banda Riffmaker apresenta show de clássicos do rock, com bloco especial dedicado a Ozzy Osbourne, no Divina Comédia (República, 649). Sábado, às 21h com ingressos a partir de R$ 34,00 no local.
- Marcos Delfino traz MPB contemporânea em proposta intimista no show *Vertigem*. Sábado, 18h, no Teatro dos Vampiros (Fernando Machado, 513). R$ 50,00 via Sympla.
- A banda de rock/ska Skaçulinhas faz lançamento do EP Os Caçulinhas d'Outrora, neste sábado, 19h, no Ecoa Espaço Coletivo das Artes, em Garibaldi. Pocket show com participações especiais e bate-papo com o público. Gratuito.

ACERVO IMHC-UCS/REPRODUÇÃO/JC



Além do pioneirismo em estúdio, os Irmãos Bertussi marcaram época por inovações como o uso de gaitas simultâneas

"Purungos Acoierados"

Mas essa história tem início bem antes do triunfante trajeto de sucesso percorrido pelos Irmãos Bertussi ao longo de sua carreira musical. Na verdade começa, atenta Gilney Bertussi, com o bisavô João Bertussi, o qual fez parte do grupo de imigrantes italianos que primeiramente fincaram pé na Serra Gaúcha no final do século XIX. A formação da família deu-se na localidade de São Jorge da Mulada, distrito de Criúva, em São Francisco de Paula, hoje pertencente a Caxias do Sul.

Já o filho de João, Fioravante Bertussi, um genuíno entusiasta da música, tornou-se clarinetista e regente de bandas em Criúva. E, aos seus descendentes, proporcionou estudo de teoria musical. Da união entre Fioravante e Juvelina vieram ao mundo quatro filhos: Walmor e Wilson e, contando dez anos de diferença, Honeyde e Adelar (nascidos respectivamente em 1923 e 1933).

Familiarmente, a saga musical dos Bertussi tem seu "marco poético" fundamental em uma situação romântica ocorrida em 10 de novembro de 1920. Neste dia, diz Gilney, o bisavô Fioravante compôs uma valsa, planejando fazer uma serenata com o fito de conquistar o coração de Juvelina. "A composição *Valsa para Juvelina* é o ponto de partida daquilo que se convencionou chamar de 'Música Bertussi'". A canção surtiu o efeito desejado e duas décadas depois, em 1940, Fioravante Bertussi formou com seus quatro filhos o conjunto Dois Purungos Acoierados, de duração efêmera, para tocar em bailes e festas. A formação contava com Honeyde (violão e acordeon), Walmor (clarinete e bateria), Wilson (clarinete e saxofone) e Adelar – que, ainda menino, tocava cavaquinho, gaita de botão e pandeiro, aperfeiçoando-se mais tarde no acordeon. "Quando Wilson e Valmor deixam de participar do Dois Purungos Acoierados, Honeyde e Adelar deram continuidade ao grupo, apresentando-se como dupla", explica.

O nome Os Irmãos Bertussi só seria adotado artisticamente a partir de 1949. Nessa época, pontua Gilney, a dupla deu início ao pioneirismo pelo qual tornaram-se conhecidos e festejados como eméritos animadores de bailes. E a prodigiosidade da dupla, ele prossegue, não cessaria por aí. "Meu pai Adelar e meu tio Honeyde começaram a utilizar duas gaitas em suas apresentações, ao contrário do à época estabelecido formato gaita-violão". Além de tudo, completa Gilney Bertussi, os dois inovaram introduzindo o ineditismo da bateria nos shows que realizavam. "Fora ainda que estiveram entre os primeiros a apresentar temas eruditos no acordeom para o mercado brasileiro", afirma.

Os irmãos Honeyde e Adelar atuaram juntos em milhares de festas, bailes e shows Brasil afora até o ano de 1966. Sob a denominação de Os Irmãos Bertussi, a dupla de acordeonistas apresentou-se pela última vez como dupla de acordeonistas na simbólica noite de 21 de março daquele ano, durante o show de encerramento da tradicional Festa da Uva em Caxias do Sul.

Após a dissolução da dupla, Honeyde e Adelar Bertussi deram continuidade às suas sólidas carreiras artísticas, atuando em parceria com outros profissionais do acordeom. Honeyde inicialmente fez dupla com seu filho Daltro, gravando com ele três LPs. Depois tocou com músicos, dentre outros, como Paulo Siqueira, Acioly Machado e Oscar dos Reis (com quem gravou outros cinco álbuns). Além das parcerias, seguiu trabalhando intensamente em carreira solo até o final de sua vida.

Durante a década de 1970, Adelar criou o grupo Os Cobras do Teclado, tendo ao seu lado o também gaiteiro Itajaiba Mattana. A parceria entre os dois acordeonistas acabou rendendo uma série de discos, lançados nos mais diversos formatos. De atuação intensa, estima-se que Adelar tenha realizado mais de 6 mil apresentações entre bailes, shows e participações especiais no Brasil e no exterior ao longo de sua jornada profissional. Compositor prolífico, Adelar contabiliza mais de 400 canções gravadas, incluindo folclóricas e regionais do Rio Grande do Sul, além de músicas populares brasileiras, internacionais e clássicos da música erudita.

Os Irmãos Bertussi documentados

A vida e a obra dos Irmãos Bertussi podem ser melhor conhecidos em dois documentários:

Adelar Bertussi – O tropeiro da música gaúcha (2011), com direção de Lissandro Stallivieri. O filme promove um resgate da trajetória do integrante de Os Irmãos Bertussi, a partir da década de 1940. Durante quatro anos, uma equipe acompanhou os passos de Adelar - um homem campeiro, que, na época das filmagens, ainda percorria os campos a cavalo - em diversos locais, como por exemplo, em sua fazenda em São Jorge da Mulada, distrito de Criúva, interior de Caxias do Sul, passando pelo Rodeio de Vacaria e chegando em Nova York, nos Estados Unidos.

Gilney Bertussi: Filho de gaiteiro – O legítimo herdeiro da música Bertussi (2018), dirigido por Leonardo Vivan. Músicas e depoimentos para registrar a trajetória artística de Gilney Bertussi, filho de Adelar, que começou sua vida musical aos nove anos de idade. Também é o último registro em imagens de Adelar, falecido cinco meses depois, em 30 de setembro de 2017. No documentário, Adelar fala sobre o filho, canta e toca com ele. Trechos do filme foram gravados durante o Festchê III, em 2006, e também durante a Festa da Uva em 2 de março do mesmo ano, no qual o grupo Os Bertussi apresentou clássicos eternizados pela família de acordeonistas, canções de enorme popularidade (e até hoje muito presentes no imaginário) como, por exemplo, *Oh! De casa* e *O Cancioneiro das coxilhas*.

ACERVO FAMÍLIA BERTUSSI/REPRODUÇÃO/JC

Gilney Bertussi e Luciano Paim unem forças entre o punk e o gaudério

Gilney, o amigo punk

"Pra quem não sabe, eu sou o Luciano Paim /E o meu conjunto é o Hardcore Serrano /Vou misturando punk rock com gaudério / Não leve tão a sério, que é pura diversão". São nessas estrofes iniciais da música *Chimarrão com Rivotril* que Luciano Paim (baterista e membro fundador da banda caxiense Ligante Anfetamínico) literal e bem-humoradamente 'dá a letra', dizendo ao que veio no terceiro single de sua carreira solo, lançado recentemente. Ao lado do grupo Hardcore Serrano e professando como influências, dentre outras, medalhões do punk e do hardcore nacional e internacional como Ramones, Sex Pistols, The Clash, Wander Wildner e Os Replicantes, nessa novíssima fase de sua carreira Paim também traz para dentro de seu picante molho sonoro a tradicional e centenária musicalidade advinda dos gaiteiros caxienses Os Irmãos Bertussi.

Juntamente com outras duas canções, *O Meu Recado* e *Baile Punk na Serra*, a faixa *Chimarrão com Rivotril* será lançada em um álbum completo, a ser gravado ainda neste ano, que em breve deverá estar disponível para *streaming*. Um dos grandes entusiastas de Paim nessa nova empreitada é o gaiteiro Gilney Bertussi (também conhecido como "quinto integrante" da Ligante Anfetamínico), o qual se diz sempre pronto para encarar novas aventuras entre a música jovem e o tradicionalismo gaúcho. "É importante quebrar certos preconceitos, que existem mais por parte dos tradicionalistas. De minha parte, gosto muito desse contato porque também me ajuda a ser conhecido no meio do rock", afirma Gilney por ocasião de sua participação que fez com a Ligante Anfetamínico na canção *Punk dos Pampas*. Gilney é referendado por Paim na letra do single *Chimarrão com Rivotril*.

Luciano Paim afirma ter conhecido Os Bertussi ainda na infância, por influência dos pais. "Sempre senti um certo distanciamento dos roqueiros dos grandes centros urbanos, os quais costumam dizer que haviam conhecido o rock através dos Pais. No meu caso, meus pais apresentaram Os Bertussi. Por isso eu costumo dizer que a dupla de gaiteiros, aqui na Serra, é como se fossem os nossos Beatles! Percebo que, quando o pessoal do rock tenta juntar música gaúcha, geralmente escolhem as milongas para fazerem suas misturas. Mas eu prefiro a gaita alegre dos Bertussi, que, para mim, combina perfeitamente com o espírito do punk rock", conclui Paim.

Também músico oriundo da Serra, mais precisamente de Bento Gonçalves, o guitarrista Evandro Demari também diz-se fã da tradição musical dos Bertussi. Integrante da pioneira banda de blues A Elétrika Tribo (e agora prestes a lançar novo álbum de inéditas a partir do sigle *Sua guitarra*), ele conta que já teve oportunidade, durante um show que promoveu, de tocar ao lado da dupla Adelar e Gilney Bertussi, ou seja, pai e filho, em meados dos anos 2000. Para Demari é como se ele estivesse vendo no palco uma espécie de personificação dos ingleses Rolling Stones numa versão serrana. "O entrosamento entre Adelar e Gilney era tão legítimo que parecia, aos meus olhos e ouvidos, que eu estava diante de Keith Richards e Mick Taylor", coteja.

ACERVO FAMÍLIA BERTUSSI/REPRODUÇÃO/JC

Filho de Adelar Bertussi, Gilney tem se dedicado a preservar legado da família

Discografia essencial da Música Bertussi

Coração Gaúcho - Vol I (Copacabana, 1955)

Compacto oito polegadas gravado em agosto de 1955 e lançado em dezembro daquele mesmo ano pela gravadora Copacabana, com acompanhamento em estúdio do Regional de Canhoto. Traz em seus sulcos as canções *Nordeste gaúcho*, *Mistura fina*, *O Tropeiro* e *Eta baile bom* (essa com presença de pandeiro). O lançamento do disco rendeu, na época, uma reportagem especial de duas páginas na revista O Cruzeiro.

Coração Gaúcho - Vol II (Copacabana, 1956)

Compacto no qual encontra-se a primeira gravação que se tem notícia do gênero bugio (tido como genuinamente gauchesco) na história da fonografia brasileira. Trata-se da célebre e popular canção *O Casamento de Doralice*. A respeito de sua origem, Adelar contou que sua primordial inspiração - a despeito do ambiente predominantemente masculino da música gauchesca - veio do feminino toque de uma lendária gaiteira e às da gaita-ponto da região de Mulada (recanto do interior de Caxias) a qual atendia pelo apelido de Losa do Benjamim.

Só Pra Você (Copacabana, 1958)

Primeiro álbum completo dos Irmãos Bertussi e, desta vez, inteiramente instrumental. Inclui em seu repertório incursões por gêneros como bolero, choro, tango e até mesmo música clássica. Destaque para o ritmo lascivo de *Dança do pecado*, a qual arrebatou o jornalista e compositor David Nasser.

Nos Pagos do Sul (Copacabana, 1958)

Também em 1958 os Irmãos Bertussi apresentam o álbum *Nos Pagos do Sul*. O disco reúne em seus sulcos peças do cancioneiro regional riograndense e também músicas coletadas no folclore da serra gaúcha , como *Xote da laranjeira* e a rancheira *Sereno da madrugada* (com flauta de Altamiro Carrilho). O disco novamente traz o acompanhamento do Regional de Canhoto.

ACERVO FAMÍLIA BERTUSSI/REPRODUÇÃO/JC

Oh! de Casa (RCA-Victor, 1962)

O disco lançado em 1962 pela gravadora RCA-Victor tem em sua faixa-título um dos grandes sucessos dos Irmãos Bertussi, com o timbre de acordeon utilizado em sua gravação tendo se tornado, através dos tempos, numa espécie de marca registrada da dupla de gaiteiros. Incluiu faixas como *Tinindo a espora*, *Festa de São João*, *Saudades de Criúva* e *Morena solteira*.

Amor Del Alma (RCA-Victor, 1963)

Último disco gravado pelos Irmãos Bertussi antes da dissolução da dupla em 1965. Totalmente instrumental (com exceção da faixa-título), *Amor Del Alma* desfila em seu repertório, além de tangos, choros, valsas e milongas, a fox-canção de *Cabana do Paraná* e o bolero em *Poema de Natal*.

RCA VICTOR/REPRODUÇÃO/JC

Com "Os Bertussi" O Gaúcho (RCA-Camden, 1966)

Tendo ao seu lado o filho Daltro, em 1966 Honeyde Bertussi faz a gravação do LP *O Gaúcho*. O disco reúne canções, dentre outras, como *Carreteiro do meu pago*, *Manhoso*, *Briga de Marimbondo*, o vanerão-bugio *Chico Fumaça* (de autoria de Daltro) e *Lugar onde nasci*. A instrumentação utilizada nas sessões de gravação do LP conta com dois violões, cavaquinho, contrabaixo e bateria com vassourinhas, além de dois acordeões.

Adelar Bertussi e Itajaiba Mattana - Os Cobras do Teclado (Som, 1967)

COPACABANA DISCOS/REPRODUÇÃO/JC

Disco gravado por Adelar Bertussi e Itajaiba Mattana sob a denominação da dupla de acordeonistas Os Cobras do Teclado, por eles formada a partir de meados da década de 1960. O LP com lançamento realizado pelo selo fonográfico Som reúne dentre outras canções como *Estrela da Madrugada*, *Bandinha do padre*, *Gauchada do meu pago*, *Noites da Vacaria* e *Cabocla sincera*.

Tributo aos Irmãos Bertussi - Vários Intérpretes (Vertical, 2015)

Disco que celebra a história musical da família Bertussi, o álbum *Tributo aos Irmãos Bertussi* apresenta o repertório dos acordeonistas na voz e interpretação de artistas e grupos como Porca Véia, Mulheres Pampeanas, Os Tiranos e Grupo Manotaço. Interpretações para músicas como *A gaita do falecido*, *Cavalo preto*, *Oh! de casa*, *Baile da encruzilhada* e *Loura casada*.

Cristiano Bastos é jornalista e autor de *Julio Reny – Histórias de amor e morte* (Prêmio Açorianos de Melhor Livro em 2015), *Júpiter Maçã: A efervescente vida e obra*, *Nelson Gonçalves: O rei da boemia*, *Nova carne para moer* e *Gauleses irredutíveis – Causos & Atitudes do Rock Gaúcho*. Também publicou, em 2023, a obra de jornalismo e artes gráficas *100 grandes álbuns do rock gaúcho: influências e vertentes* (Nova Carne Livros).

nas telas

Um médico cubano e um Brasil hostil

Inspirado nos profissionais que participaram do Mais Médicos, programa que sofreu interrupção no País após as eleições de 2018, o longa *O Deserto de Akin*, de Bernard Lessa, acompanha um médico cubano que atua em serviço de uma comunidade indígena. Ao mesmo tempo que Akin (Reynier Morales) aprofunda sua relação com o Brasil a partir da convivência com os dois brasileiros que o acolhem, Érica (Ana Flavia Cavalcanti) e Sérgio (Guga Patriota), ele se vê atingido pelas mudanças políticas em curso no território brasileiro. Com o resultado presidencial de Jair Bolsonaro e o fim abrupto da cooperação entre os dois países, ele se vê impelido a tomar uma decisão: voltar a Cuba e abandonar as relações que vinha construindo ou permanecer e se reinventar mesmo sem poder medicar.

BEL VEIGA/PRIMEIRO PLANO/DIVULGAÇÃO/JC

***O Deserto de Akin* aborda período de suspensão do Mais Médicos no País**

Não é fácil dar adeus à máfia

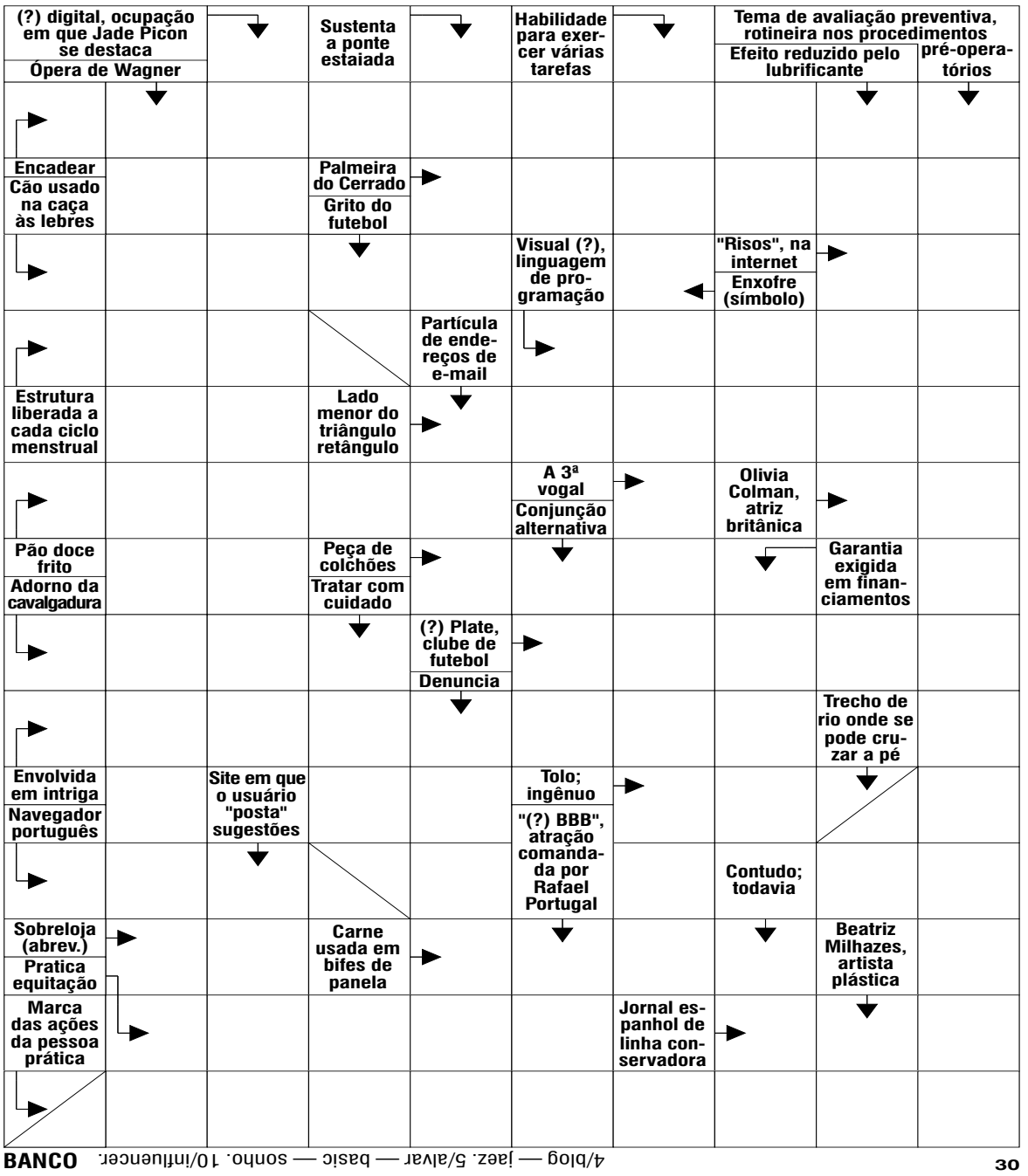
Estrelada por Kevin James e Christina Ricci, a comédia de ação *Família à Prova de Balas* acompanha a história de uma família aparentemente comum que, de repente, vira inimigo Nº1 da máfia. O longa de Edward Drake acompanha o ex-policial Raymond 'Ray' Hayes (James), que só quer levar uma vida sossegada ao lado da esposa Alice (Ricci) e dos filhos. Um pequeno detalhe: ele trabalha para a máfia. Quando ele decide deixar essa vida para trás para investir no sonho da família de ter um restaurante, Ray não só desagrada seus patrões, como coloca um alvo nas costas de toda sua família. De repente, o que era para ser uma despedida pacífica se transforma em uma noite de pancadaria, confusão e, claro, muitas surpresas.

Perseguido pela sede de vingança

Eleito como um dos melhores filmes da década pela Indiewire, *Cloud – Nuvem de Vingança*, de Kiyoshi Kurosawa, é inspirado no caso verídico de um grupo de justiceiros formado pela internet. O longa segue Yoshii (Masaki Suda), um jovem que vive dias tranquilos em Tóquio, onde trabalha em uma pequena fábrica e faz bicos em um e-commerce. Sua vida passa a mudar gradualmente quando o jovem decide se dedicar à revenda de produtos baratos por preços altos, sob o pseudônimo Ratel. Conforme os clientes começam a se sentir lesados pelas compras, um sentimento de revolta e vingança toma conta deles. A situação sai do controle quando até quem não foi diretamente prejudicado, como seu antigo chefe, se une para caçá-lo, sob pressão de ressentimentos pessoais.

palavras cruzadas diretas

www.coquetel.com.br © Revistas COQUETEL



BANCO 4/blog — jaez. 5/alvar — basic — sonho. 10/influenciar.

30

Solução

P R	A	G	M	A	T	I	S	M	O
	M	O	N	T	A		A	B	C
	S	L		A	C	E	M		I
C	A	B	R A	L		D		U	G
	T		L	E		A	L	V A	R
E	N	R	E	D	A	D	A		U
J	A	E	Z		R	I	V	E	R
	F	C		M	O	L	A		I
S	O	N	H	O		I		O	C
	I	E		C	A	T	E	T	O
O	V	U	L O		B	A	S	I	C
G	A	L	G	O		S		R	S
	N	F		B	U	R	I	T	I
C	O	N	C	A	T	E	N	A	R
		I		C		V			

horóscopo

Gregório Queiroz / Agência Estado

Áries: Momento de afirmar seus valores na relação amorosa, nos empreendimentos pessoais e nas atividades criativas e artísticas. Fique sempre perto e atento à pessoa amada.

Touro: É tempo de você ampliar a dedicação ao ambiente doméstico e ao convívio familiar. Procure atividades em que participe com os demais na realização de melhorias no lar.

Gêmeos: Organize os ambientes, coloque os relacionamentos sob uma nova perspectiva. A organização da rotina deve estar em função do modo de viver que quer para si próprio.

Câncer: Mesclando ações decididas e investimentos ousados com o trabalho constante da rotina, você irá conquistar importantes resultados na vida financeira e material.

Leão: É tempo de afirmar os valores e as motivações que pretende firmar em sua atitude básica. Você pode começar a viver uma face bastante nova dentre seus potenciais de identidade.

Virgem: Um gesto para superar as adversidades é decidido neste dia. É hora de reagir com coragem e vigor a tudo o que impede seu melhor caminho. Os caminhos se lhe abrem.

Libra: Procure ser bem objetivo para superar os obstáculos na realização dos projetos importantes do momento. A vacilação pode fazer desandar as boas realizações.

Escorpião: É tempo de colocar em ação seus mais nobres talentos para trabalhar. Momento de decisão na carreira profissional. Você tem tudo para dar um bom passo adiante.

Sagitário: Não adianta ter boas ideias e apregoar valores elevados. É necessário comportar-se de acordo, e com coerência, diante desses conteúdos e valores que pretende ter.

Capricórnio: O mundo abre as portas para você viver experiências renovadoras. As decisões ocorrem até mesmo à sua revelia. Será melhor aceitar de bom grado entrar em um mundo novo.

Aquário: As parcerias e alianças estão em momento decisivo. A ousadia está favorecida, e você deve aceitar participar integralmente das relações e atividades com outras pessoas.

Peixes: Uma atividade voltada para o bem-estar físico pode ser iniciada. Você poderá dar melhorar seu ambiente de trabalho e as condições de conforto material.

Jaime Cimenti

Livros

jcimenti@terra.com.br

A história de Leão XIV, o Papa da Globalização

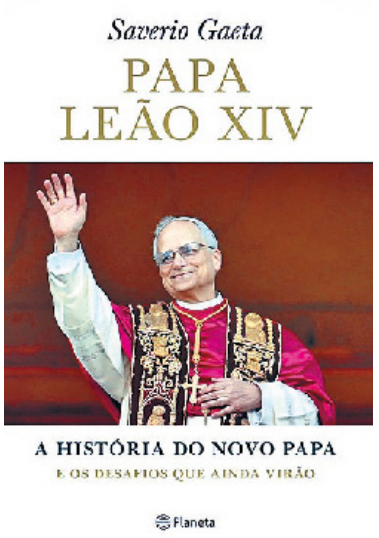
Papa Leão XIV (Editora Planeta, 196 páginas, R$ 49,00), do experiente e consagrado jornalista, escritor e ensaísta Saverio Gaeta, ex-redator do L'Osservatore Romano e um dos mais renomados vaticanistas da atualidade, apresenta com síntese e objetividade a história do novo Papa e os desafios que ainda virão. Gaeta é autor de mais de 60 obras e artigos publicados sobre assuntos e pessoas relacionadas ao Vaticano. Suas obras já foram traduzidas em 16 línguas.

Este livro é o primeiro retrato completo do 'Papa da Globalização', um líder que, como se sabe, entrelaça raízes culturais diversas e fala com muita clareza a linguagem da contemporaneidade.

A obra trata das origens de Robert Francis Prevost, sua vocação religiosa precoce , formação, vivências como sacerdote e o caminho rumo ao conclave que o levou rapidamente à condição de Papa. Ele surge com o perfil de um pontífice global, atento aos pobres e marginalizados, incansável na defesa dos direitos humanos e no papel unificador da fé.

Quem é o homem que guiará a Igreja Católica nos próximos anos? Quais os caminhos que o levaram ao trono de Pedro? Como a eleição de um Papa norte-americano pela primeira vez pode ser um novo marco para a Igreja e para o mundo? Quais os problemas mais urgentes que ele enfrentará? Como ele atuará sobre os "processos em andamento" legados pelo Papa Francisco?

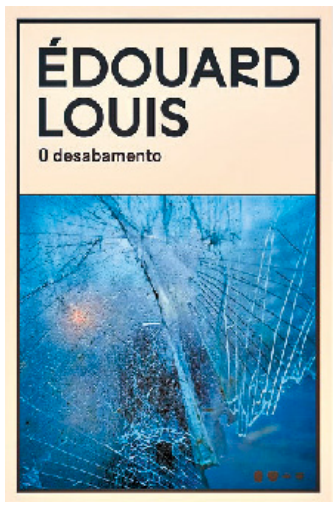
Leão XIV lidará com as complexas finanças da Igreja, com os cinco mil colaboradores diretos e temas candentes como o papel da mulher, os crimes sexuais, nova sinodalidade e questões ambientais, doutrinárias e políticas. Leão XIV completará 70 anos, é relativamente jovem e, ao que tudo indica, inspirado em



Leão XIII, certamente Leão XIV exercerá um papado marcante.

O livro apresenta curiosidades e informações sobre hábitos e gostos de Leão XIV e compara seu pontificado com os dos outros pontífices. Nas páginas finais do volume estão informações sobre os 266 papas que antecederam Leão XIV, desde Pedro até Francisco. Sem dúvida, uma obra importante e útil para conhecer melhor Leão XIV e o que poderá acontecer no futuro próximo.

lançamentos



› **O desabamento** (Todavia, 162 páginas, R$ 62,00), do celebrado escritor francês Édouard Louis, autor de *Mudar: Método* e *Monique se liberta*, romance com prosa aguda, sensível e analítica, trata da morte do problemático irmão mais velho, morto precocemente aos 38 anos. Para reconstruir o irmão, o narrador se vale de ciências sociais, psicologia , memória e literatura.

› **2020 não foi um ano ruim** (Editora Zouk, 326 páginas, R$ 70,00), romance do premiado escritor Marcel Citro, é uma caudalosa e envolvente narrativa sobre o professor de filosofia que percorre dez anos para elaborar seus medos, modular os sentimentos e combater a ira. Morte enigmática, pandemia, ayahuasca e a corrente virtual que a todos dissolve e muito mais estão na obra.

› **Aliandra-Cenas de uma carreira** (Boaventura Editora, 135 páginas, R$ 44,90), do escritor, professor e diretor de teatro Lucas de Melo Bonez, bela narrativa em tom de reportagem, mostra a trajetória de Aliandra Ferronatta, jogadora de futebol gaúcha, promessa na Europa que, aos 24 anos largou a carreira e passou a viver no ostracismo.

e palavras...

ELA EM CRISE NO DIVÃ

- Pois é, doutor, estou com uma baita crise de identidade. Há mais de dois mil anos, na pracinha da Grécia, sem botão, urna eletrônica e senhas, a coisa era mais simples. Mãos, voz e corpo votavam. Mulheres, estrangeiros e escravos só ficavam na escuta. Já tinha barulho, briga, fofocalhada, mas era menos.

- Mas e depois, o que aconteceu com a senhora?

- Bom, em Roma criaram o tal modelo republicano, com senado, magistrados e leis, e a coisa andou. Na Idade Média eu meio que sumi. Reis, nobres e a Igreja tomaram conta do campinho pouco republicano.

- Sim, mas com o iluminismo e o renascimento, o que houve?

- Bom, aí pintaram ideias modernas de liberdade, igualdade e soberania popular. Locke, Montesquieu, Rousseau e Voltaire defenderam a vontade do povo e o equilíbrio entre os poderes. Aí, uns séculos depois, vieram as Revoluções Inglesa, Americana e Francesa, com ideais democráticos, eleições e direitos dos cidadãos.

- No século XIX as coisas mudaram para a senhora, não é, Dona Democracia?

- Sim, doutor. Votos para todo mundo, partidos políticos crescendo, imprensa livre e *otras cositas mas*. Aí no século XX, depois das guerras mundiais, depois de enfrentar o fascismo, o nazismo e ditaduras militares na África, Ásia e América Latina, eu me expandi. Nos tempos da Guerra Fria, eu era a liberal e eles os autoritários.

- Mas e no momento, o que a senhora sente, depois de milênios e transformações? Sente-se cansada, pensa em se aposentar?

- Às vezes dá vontade de pendurar as chuteiras, mas dizem que democracia é o regime menos pior e aí vou levando do jeito que dá. Minha cabeça está explodindo com tantos desafios globais e tecnológicos, com tantas linguagens complexas. Estou de saco cheio com tanta polarização deletéria, ditaduras digitais, censuras medievais e não estou dando conta de tantas notificações e rótulos para mim. Uns aí usam meu santo nome em vão e pouco posso fazer, além de rezar e seguir cansada, mas viva.

- Compreendo. Não deve ser fácil, mas estou aqui para lhe ouvir e ajudar no que for possível. A senhora sabe que a melhor parte de um terapeuta é o ouvido. Nem falo muito, pois para ser franco estou tão ou mais confuso que a senhora.

- Obrigado, doutor, ao menos ainda tenho esse espaço para botar para fora esse monte de sons, palavras, polêmicas, guerras, ofensas, desconfortos, *fake news* e o escambau. Nem sei o que vou fazer com tudo isso que digo, mas ficar quieta seria bem pior.

- É verdade. Conversando a gente entende alguma coisa. Os silêncios também nos ensinam. No divã a gente descobre umas coisas que insistiam em ficar aferrolhadas nos nossos porões do inconsciente.

- O que me incomoda mais é ver certos elementos usarem meu nome para justamente tentar acabar com a minha raça. Mas não vão conseguir. Estou por aqui há uns dois mil e quinhentos anos. Tenho couro grosso. Tive que me adaptar, aguentei muita coisa e não vai ser agora que vou morrer na praia. Os que estão me ameaçando ou me usando como pretexto para serem ditadores passarão, e eu passarinha, com a licença do Quintana.

a propósito...

- Bem, Dona Democracia, acho que para sorte da senhora, de mim e dos nove leitores do cronista, nosso tempo está acabando.

- É isso, melhor a gente largar esses assuntos um pouco e ouvir música, tomar umas, falar bobagens e ver o sol e a lua. Ninguém é de ferro, muito menos eu. Ah, antes que eu me esqueça, por favor me dê as receitas dos remédios para me acordar, me acalmar e para dormir. Não estou tomando remédios demais?

- A senhora está bem medicada. Na Europa e nos Estados Unidos boa parte da população toma remédios. Fique calma.

(Jaime Cimenti)

pensando cultura

Nova geração de músicos eruditos conquista público jovem nas redes sociais

Lady Gaga toca piano. Taylor Swift toca piano. Mas será que tocam bem? Em vídeos disponíveis no YouTube, a alemã Annique Goettler, de 29 anos, avalia o desempenho das duas popstars à luz da técnica clássica. Goettler é concertista e em seu canal Heart of the Keys é possível encontrar, com cortes ágeis e muitos recursos gráficos, curiosidades e informações musicais sobre peças famosas, como o *Liebstraum* do húngaro Franz Liszt (1811-1886). "Não falo apenas para especialistas e músicos, mas sobretudo para melhorar a experiência de quem ouve", diz Goettler em seu canal.

A pianista alemã é parte de um fenômeno que se alastra pelo YouTube e pelas redes sociais, como conta João Gabriel de Lima para a Folhapress. Concertistas, em geral jovens, usam a linguagem da internet para levar a música clássica a um público mais amplo. "Um dos desafios da música de concerto sempre foi o fato de que, para fruir melhor, é preciso ter alguma informação, algum conhecimento sobre o assunto", diz o brasileiro Leonardo Monteiro de Barros, ex-diretor mundial de marketing da gravadora alemã Deutsche Grammophon. "Esses artistas aproximam os ouvintes do mundo da música clássica, usando uma linguagem de jovem para jovem."

Um dos nomes mais conhecidos dessa tendência é a violoncelista belga Camille Thomas, de 36 anos. Ela ficou famosa durante a pandemia, quando postava nas redes sociais vídeos em que tocava seu instrumento nos telhados de Paris. As pílulas musicais viralizaram, e ela iniciou uma série em que se apresentava em museus vazios. "Eram dois paradoxos, um artista sem público e quadros sem espectadores", diz ela num dos vários documentários postados em seu canal no YouTube.

Camille Thomas grava pelo selo Deutsche Grammophon e seu violoncelo é um Stradivarius de 1730. Num de seus vídeos, ela conta que seu instrumento pertenceu ao músico francês Auguste Franchomme (1808-1884), um dos melhores amigos do compositor polonês Frederic Chopin (1810-1849), que morava em Paris. Inspirada pelo fato, Thomas decidiu gravar uma trilogia com peças e transcrições de Chopin para violoncelo. Os álbuns da violoncelista costumam ser temáticos, e ela usa as redes sociais para dar informações sobre o que toca e grava.

"Já faz algum tempo que os músicos eruditos vêm descendo da torre de marfim. No passado eles não gostavam de falar de suas interpretações. Isso foi quebrado nos anos 1960 com o maestro Leonard Bernstein", diz Leonardo Monteiro de Barros. "Bernstein usava a televisão, que era a mídia da época dele. Os músicos que hoje usam as redes sociais são de certa forma seus seguidores."

Monteiro de Barros acha que vivemos uma era de ouro para os fãs de música clássica. "Antigamente, era necessário comprar discos ou ir a salas de concerto. Hoje a música está em toda parte: no YouTube, nas redes sociais e nos serviços de *streaming*. É possível assistir a uma estreia de ópera sem sair de casa", diz. Para o ex-diretor da Deutsche Grammophon - que hoje mora entre Hamburgo e o Rio de Janeiro, onde é sócio da Conspiração Filmes - a onda de intérpretes produzindo conteúdo para a internet facilita inclusive o aparecimento e a divulgação de novos compositores.

O pianista russo Daniil Trifonov, de 33 anos, acaba de gravar uma obra inédita do compositor americano Mason Bates. Num vídeo para as redes sociais ele explica como Bates - que também é DJ - dialoga com vários períodos da tradição musical. Camille Thomas tem excursionado pela Europa executando um concerto para violoncelo escrito pelo compositor turco Fazil Say. Num vídeo, ela explica que a música foi criada em protesto contra a onda de atentados terroristas em solo europeu em meados da década passada.

Os intérpretes de música clássica vêm aprendendo aos poucos a usar os meios digitais. No princípio, eles postavam apenas vídeos de suas performances, em geral peças virtuosísticas tocadas em recitais na hora do bis. Os pianistas Lang Lang, chinês, e Valentina Lisitsa, ucraniana, construíram parte de sua fama na década passada graças ao YouTube. Depois de ter vários concertos cancelados por ser apoiadora do presidente russo Vladimir Putin, Lisitsa hoje concentra sua carreira no meio digital - ela acaba de lançar uma integral das sonatas para piano de Ludwig van Beethoven (1770-1827) exclusivamente no ambiente do YouTube.

Já a nova geração, como se viu, produz um conteúdo mais informativo e conhece bem a linguagem de cada meio. No YouTube cabem vídeos mais longos. O pianista polonês Greg Niemczuk, de 39 anos, aproveitou a pandemia para gravar análises e curiosidades sobre todas as peças para piano de seu compatriota Frederic Chopin (seus vídeos, assim como os outros citados nesta reportagem, são em inglês com diversos sotaques, e podem ser traduzidos usando ferramentas de inteligência artificial).

Em redes sociais cabem *takes* curtos ou cenas de bastidores, como as postadas pela violinista francesa Esther Abrami, de 28 anos, que caminha para os 400 mil seguidores no Instagram. É um número eloquente para o nicho da música erudita. Os vídeos de Annique Goettler atingem uma média de 50.000 visualizações. A postagem que critica a postura das mãos de Taylor Swift, no entanto, aproximou-se da casa do milhão. Às vezes os concertistas precisam de um empurrãozinho dos astros da música pop.

CHRISTIAN MEUWLY/DIVULGAÇÃO/JC

Belga Camille Thomas e outros concertistas usam o YouTube e Instagram para ampliar os ouvintes da música clássica, trazendo curiosidades e ajudando a compreender o contexto das obras